



## Bento Mussolini

Chefe do Governo Italiano, justamente considerado como um dos primeiros Estadistas da Europa, e a quem se deve a solução da questão entre a Igreja e o Estado Italiano

Braga, 23 de Fevereiro de 1929

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

# Ilustração Catholica

COMPOSTA E IMPRESSA NA PAX -- BRAGA

NUMERO 356 — ANO VIII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L.<sup>da</sup>



# Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES :

Ano . . . . .	60\$00
Semestre . . . . .	30\$00
Trimestre . . . . .	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

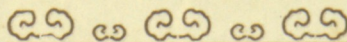
ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS :

Ano . . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	40\$00
Trimestre . . . . .	20\$00
Numero avulso . . . . .	1\$50

Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á  
Administração da *ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA* — BRAGA

Telefone, 212

Esta casa, a mais antiga no género, além de um variado sortido de pa-



**Papelaria das Flores**

de agua-benta, placas, estampas de todos os formatos, simples e artisticas,

## Viuva Carvalho & Silva, Sucessor

pelaria, artigos de pintura e aprestos para confeccionar flores artificiais, tem sempre em deposito um colossal sortido de artigos religiosos, constante de terços, medallhas, crucifixos pias

88, Rua do Souto, 90

BRAGA

Especialidade em artigos com a imagem de Nossa S.<sup>a</sup> de Fátima

DESCONTO AOS REVENDEDORES

imagens de massa com rica pintura, livros de missa, etc.

Lembranças de 1.<sup>a</sup> Comunhão. Patentes e mais artigos do Apostolado da Oração. Modelos de pin-

tura : : :

## Casa das Carmelitas

TELEFONE 1614

**ALMEIDA, GOMES & C.<sup>A</sup> L.<sup>DA</sup>**

Completo sortido em artigos de mercearia fina. Especialidade em chá e café  
Rua das Carmelitas, 138 — Telefone 1614 — PORTO





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

CENTRO REGIONAL  
BIBLIOTECA GERAL  
Data: 15/11/2005  
Cota: 166E  
UCP - BRAGA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA



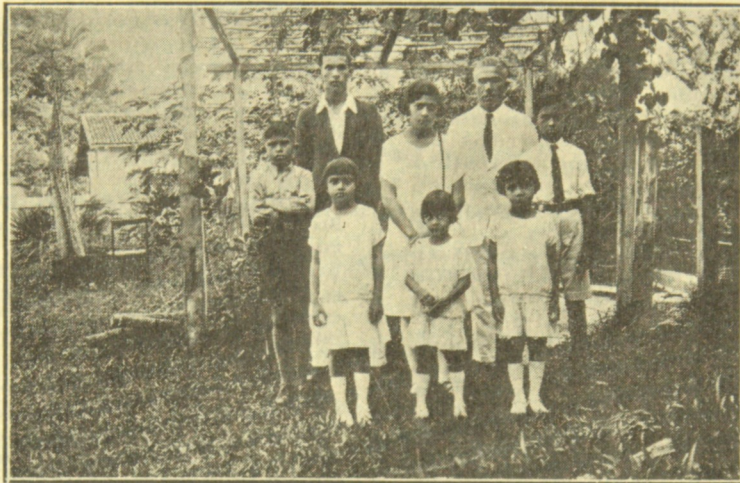
Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º  
Propriedade da Empresa «Ilustração Catholica».

Braga, 23 de Fevereiro de 1929

Composta e impressa na Tip. da «PAX»  
BRAGA

Anno VIII — N.º 356



MALACA

*Descendentes de antigos portugueses*

Universidade Católica Portuguesa  
BIBLIOTECA  
PAROQUIA  
BRAGA



A hora da Providencia, porque esperavam os católicos há sessenta anos, souu finalmente. O Papa não mais será o «prisioneiro» mas sim o soberano da Cidade Vaticana. Entre a Italia e a Santa Sé fez-se, por fim, a paz.

Braga fôra das terras mais profundamente abaladas pelo cativo do Pontífice, quando em 1870 as tropas piemontesas entraram em Roma pela brecha da Porta Pia. A opinião agitou-se, vibrante; Braga seguia com interesse crescente a marcha dos successos, e freuiu de católica piedade lamentando a sorte do Pai Comum dos fieis.

Mas como um pesadelo mau, vão já longe esses dias de luto e pezar: hoje Pio XI reassume o poder temporal arrebatado a Pio IX.

O poder pontificio, pela sua supranacionalidade, precisa, evidentemente da soberania politica. O territorio importa pouco: a soberania essa é indispensavel. A exiguidade territorial, porisso, da Nova cidade Vaticana, não tem importancia alguma deante do facto que era necessario, de ser reconhecido pela Italia a sua independencia.

Se só atendessemos aos principios de legitimidade, como ha um seculo eram comprehendidos, por certo nenhum poder poderia mostrar mais do que o pontificio esse direito de legitimidade. Não nas doações da condessa Matilde, que aumentaram o patrimonio de S. Pedro, não nos reconhecimentos de Carlos Magno, que deram forma juridica ao poder pontifical no campo terreno, se deve procurar a sua verdadeira origem. O Papa apparece-nos, já antes, com S. Gregorio Magno, verdadeiro senhor temporal de Roma: «Dei consule factus est» como escreveu lapidarmente um seu biografo. O poder temporal dos Pontífices surge na historia como apparecem nela todas as coisas naturais: por espontaneidade e evolução: nascem da propria natureza do desenvolver dos successos.

Mas a filosofia do direito estava, então, por fazer: deviam iniciar o direito internacional os pensadores portugueses e espanhois da Renascença. Com a marcha da civilização ao pensamento de legitimidade succede o de nacionalidade e Pio XI aceita-o, com a constituição da Italia-una. A Igreja não era imprescindivel que o Papa fosse soberano temporal de extensos territorios; era-o, sim, que fosse soberano, porque não podia ser subdito de nenhum poder terreno quem é superior a todos eles, e tem que imperar nas proprias consciencias.

Tinha que ser resolvido apenas entre Italia e a Santa Sé o desfecho da

«questão romana»: assim foi; a Italia encontrou em Mussolini a clara visão das coisas e o tino politico que falharam em Crispi, quando obstou a que prosseguissem com Leão XIII as negociações desejadas pelo proprio Victor Manuel.

Natural foi portanto o entusiasmo com que Roma e Italia acolheram o Tratado felizmente concluído em 11 de fevereiro, dia da Aparição da Imaculada em Lourdes. Era uma questão vital para a nação ausonia, e esta, que com uma vibração esplendida de nacionalismo, tem ultimamente, progredido muito, sentiu que se avigorava e fortalecia o interesse nacional. Os melhores criticos tem salientado a importancia politica que para Italia representa a feliz conclusão deste Tratado.

Mas, por todo o mundo, não é menor o regosio entre os catolicos. Vendo terminar uma situação anormal do Pontífice, vendo crescer e aumentar o seu prestigio pelas honrosas condições do Tratado, e pelas homenagens de todos os Estados desde o que era antes inimigo, «sub hostile dominatione» se dizia constituído o Papa, até aos mais fervorosamente adictos á Santa Sé, os católicos exultaram.

Quando o reino italiano foi um instrumento de que a revolução naturalista se serviu para atacar o Papa, os maus annunciaram para breve a extinção do Pontificado. Julgaram que á queda do poder temporal, seguiria, a breve espaço, a queda do poder espiritual. «Non praevalerunt» recordava á guisa de lema, desde 1870, o orgão officioso da Santa Sé. E realmente, o poder espiritual foi-se afirmando como um dos factos contemporaneos mais iniludiveis: e, mais, o prestigio moral do Pontificado cresceu com os Pontífices que succederam ao Martir Pio IX.

Aquelas palavras riscou-as já da Sua cabeça o jornal vaticano: os factos falam mais soberanamente do que elas, porque o Papa está reconduzido á reconhecida plenitude da sua soberania... «Pax Christi in regno Christi» que por timbre seu quiz tomar o actual Pontífice exprimem bem, pois a Paz osculou a Justiça, o estado contemporaneo dos espiritos, hoje que todo o mundo endereça felicitações ao Papa pela feliz concordia.

Praza a Deus que o reino de Cristo, invocado pelo Supremo Hierarca, estenda, de facto, a toda a terra as suas espirituais fronteiras. Que ao menos as nações civilizadas, as representantes da civilização europea, voltem, como outrora, a formar a *crístandade*... «Pax Christi in regno Christi».



# A QUESTÃO ROMANA

O SEU FIM  
O Papa, Senhor temporal

TERMINOU, enfim, êsse grave conflito que se vinha arrastando, sem solução desde que, em 1870, as tropas unionistas, entrando em Roma, arrebatavam ao Soberano Pontífice os territórios em que, por legado da condessa Matilde, no século XI, o Papa exercia absoluto e indiscutível domínio e cuja integridade Bonaparte desrespeitou a quando da guerra com a Itália, apoderando-se de Bolonha, Ferrara, parte das Marcas e de toda a Romagna.

Historiemos os factos:

A questão romana, que uma serie de longas negociações, diplomaticamente conduzidas, permite considerar, agora, como solucionada, data de há mais de meio século.

Victor Manuel II, rei da Sardenha, conquistando, em 1860 o norte e o centro dos Estados Pontificais, e unindo-os ao reino nascente de Italia, reduziu os territorios sobre que se exercia o poder temporal do Papa, á cidade de Roma e aos campos circunvizinhos. Esse mesmo resto do «património de S. Pedro» foi, porém, arrancado á soberania dos Sumos Pontífices, em 12 de Setembro de 1870, uma vez repatriadas as forças francesas que ali se encontravam, chamadas a combater contra o invasor alemão.

Em 13 de Maio de 1871, o Estado italiano ofereceu ao Pontífice a lei «das garantias», destinada a assegurar ao chefe supremo da Igreja uma com-

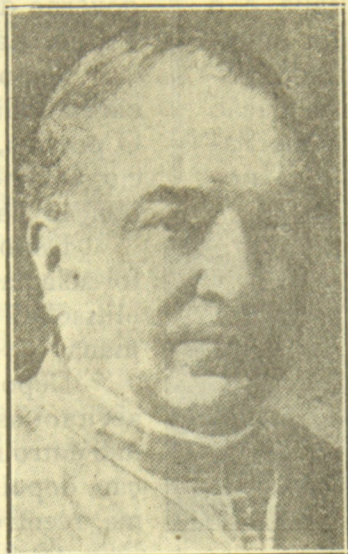
pleta independencia no exercicio da sua autoridade espiritual e das suas relações com o catolicismo. Por essa lei, a Italia concedia ao Papado a soberania sobre os palacios, museus, jardins, e igrejas do Vaticano, sobre a basilica, o bap-

ptisterio e o palacio de Latrão e sobre Castel Gandolfo, velho castelo pendurado nos cimos do monte Albano. A pessoa do Papa era proclamada santa e inviolavel, tendo direito, em toda a Italia, ás honras reservadas aos soberanos, e estendendo-se o privilegio de extraterritorialidade que gozava no Vaticano, a todo e qualquer local em que se encontrasse. Os embaixadores acreditados no Vaticano gozariam das mesmas imunidades que os diplomatas acreditados junto do rei de Italia. Eram, tambem, garantidos o segredo e a liberdade das cor-

respondencias postais e telegráficas, e o govêrno italiano comprometia-se a pagar, á Santa Sé, uma subvenção annual de 30 milhões, quantia que, dada a desvalorização, representaria, hoje, quatro vezes mais.

Pio IX não aceitou a lei «das garantias», attitude em que foi seguido por todos os seus sucessores, considerando-se como vitima e prisioneiro no Vaticano, tanto mais que S. João de Latrão e Castel-Gandolfo lhe tinham sido concedidos por essa lei, que ele não reconhecia.

Desta attitude de Pio IX e dos seus



CARDEAL GASPARRI

Secretario de Estado da Santa Sé  
: que assinou com Mussolini o :  
tratado entre a Igreja e a Italia



sucessores na cadeira de S. Pedro, collocando-se na postura de perseguidos e vitimas do Estado italiano, resultaram consequencias paradoxais, tais a do Papa não reconhecer a existencia dum rei de Italia em Roma, e, portanto, não reconhecer, tambem, a existencia de nenhum govêrno italiano, junto do qual não estava representado e do qual não admitia qualquer representação junto de si. De tudo isto advinham enormes dificuldades a vencer quando, por imposição dos factos, era inevitavel e indispensavel que o govêrno da Italia e o govêrno da Igreja concertassem determinados assuntos a ambos dizendo respeito, 'como, por exemplo, a situação das missões religiosas italianas na Palestina. Em tais casos, tornava-se ne-



BASILICA DE S. PEDRO, NO VATICANO

cessario recorrer a um intermediario, e as negociações eram apenas verbais, visto o Sumo Pontífice se negar a qualquer espécie de relações officiais com o Quirinal.

O accordo agora estabelecido, após trabalhos preparatorios muito longos e dificeis, já pelas razões acima apontadas, já porque envolvia a solução de pontos de uma extrema delicadeza, teve, decerto, a impol-o, quer dum lado quer doutro fortes motivos. E', porém muito cedo ainda para bordar comentarios sobre os intuitos profundos que nesta emergencia guiaram o Chefe da Cristandade e o ditador da Italia.

No entanto não será ousado afirmar que uma das consequencias desse acôrdo, que os altos dignitarios da Santa Sé devem vêr com maior satisfação é o facto do Papa poder sair do Vatica-

no, sua antiga prisão voluntaria, e isso porque esse palacio, collocado numa das partes mais insalubres de Roma é quasi inabitavel durante os calores do verão, fazendo perigar a vida dos pontífices, que não tenham, como Leão XIII, aquella saude de ferro, que lhe permitiu conservar-se ali, sem sair, durante vinte e cinco anos.

O accordo memoravel entre a Santa Sé, representado pelo Em.<sup>mo</sup> Cardeal Gasparri, e Mussolini, representante do govêrno de Italia, foi assinado no dia 11, em Latrão.

Depois de assinado o accordo, foi o cardinal Gasparri quem primeiro saiu. O publico, reunido em frente do edificio, aclamou-o. O cardinal respondeu com benção para um e outro lado.

Depois saiu o «duce» que tambem foi aclamado pela multidão. O senhor Mussolini respondeu saudando á romana.

Depois de terem saído os dois, abriram as portas da Basilica e a multidão entrou para resar a sua primeira oração, depois de 1870, na cathedral de Roma, reentregue ao seu bispo.

O convenio consta de um preambulo e 27 artigos.

### Portugal e a Santa Sé

O sr. Presidente da Republica telegrafou a Sua Santidade e ao Rei de Italia felicitando-os pela conclusão do accordo.

Mons. Beda Cardinale, Nuncio de S. Santidade em Lisboa, foi ao ministerio dos estrangeiros comunicar oficialmente a resolução da questão romana, com a assinatura do accordo entre o Vaticano e o Quirinal.

O primeiro soberano recebido no Vaticano depois do accordo

O Pontifice recebeu em audiencia



oficial o rei da Suecia Gustavo V, que foi o primeiro Monarca que felicitou o Sumo Pontifice pelo acordo com a Italia.

O rei Gustavo V foi para o Vaticano, com o seu sequito em dois automoveis: no sequito iam o almirante conde de Erhensward, Hallin, barão De Geer, e barão de Beckfriis.

O rei sueco foi recebido por Mons. Nardone, secretario do Ceremonial e dois camareiros secretos de nacionalidade estrangeira.

O «Osservatore Romano» publica um numero especial

Este numero especial faz a historia das negociações e termina:

«O Estado italiano subscreve um tratado pelo qual fica abrogada a lei de garantias e reconhece em principio o exercicio da plena soberania e jurisdicção soberana ao Papa sobre determinado territorio da «Cidade Vaticana» e entrega uma quantia em compensação das antigas provincias pontificias e dos bens perdidos pelas entidades ecclesiasticas.

O Vaticano, por sua parte, declara terminado o conflicto entre as duas potencias, e definitivamente resolvida a questão romana, reconhecendo na sua formação actual o reino de Italia.

As ultimas palavras do periodico officioso da Santa Sé, dizem: — Gloria a Deus no mais alto dos ceus, porque deu a paz aos homens de boa vontade».

\*\*\*\*\*  
Em 1873, o senhor de Sombreuil estava para ser morto. Sua filha corre, faz baluarte com o seu corpo, e opõe-se tão vivamente, que os algozes desistem da cruel empreza. Um deles promete-lhe poupar a vida de seu pai, se ela beber um copo de sangue. A dedicada filha, apesar de toda a repugnancia, sujeita-se á barbara preposição para salvar o auctor de seus dias. Desde então sofria frequentes convulsões. Ao sair da prisão encontra-se com outra filha dedicada, que ia para o tribunal com o veneravel Mallesherbes, e ouve de seus lábios: «Tu tiveste a gloria de salvar teu pai; eu tenho a consolação de morrer com o meu».

Admiraveis creaturas!

## A' memoria da sandosa menina Maria José C. Palha

*Era uma violeta humilde  
e penitente.*

As almas são flores espirituais dotadas duma beleza infinda. Todas elas foram criadas com o altissimo fim de embelezar o templo sublime de Deus — o céu.

As almas sendo flores devem formar um jardim cheio de mil belezas e encantos; e



A menina Maria José da Cruz Palha  
Docemente arrebatada ao ceu em 12-1-929

esse jardim, por sua vez, exige um jardineiro que delas cuide com a mais carinhosa solidude e que as faça abrir, em folgurações radiantes, ao sol esplendoroso da graça.

Esse jardineiro é Jesus.

E quem como Ele?!

Mas Jesus desempenha simultaneamente um outro papel que muito importa frisar e conhecer. E' o zelador por excelência dessa cathedral imensa a que chamamos *Eternidade*, onde está levantado o trono aurifulgente da SS.<sup>ma</sup> Trindade, e tantos altares... quantos os santos. Por isso é que Ele todos os dias e a todas as horas, colhe, aqui e acolá, ora lindos botões de rosas, ora rosas abertas e lindas a rescender fragrância para vestir lindamente os altares do céu.



E como é que Ele as transporta deste «jardim de ilusões» lá para o alto, para as regiões sublimes do além?

Nas azas da morte...

E a morte nunca tem descanço. Colhe rosas e botões todo o ano e de todo o ano...

A morte é a condutora que transporta quotidianamente cerca de oitenta mil almas. Trabalha incessantemente e só leva e nunca trás... E quando ela vê á beira do regato da pureza e da humildade flores vicijantes, toma-as no seu regaço e, jubilosamente, as transporta para os jardins da Eternidade.



ESPOSENDE — Forte de S. João Batista, farol e posto de sinais sonóros

E aquelas que nunca perderam o perfume da graça e aquelas que foram sempre lindas aos olhos de Deus, serão eternamente viçosas e atraentes e aquelas outras que feneçeram mirradas pelo pecado... da impenitência serão lançadas nas regiões escuras do inferno... E todas podem ser belas?

Todas, porque a nenhuma Ele falta com o rocío da sua divina graça, e por conseguinte todas podem conservar-se cheias duma encantadora beleza moral.

«Mas... a beleza é uma flor, cujo perfume é a virtude...

E a beleza... sem pudor, é uma flor separada da sua haste», assim se exprime uma águia do pensamento.

Mas ha uma florinha que é muito estimada por Jesus e que nesta quadra litúrgica encontra-se em todas as Igrejas a fazer-lhe companhia junto do Sacrário.

Essa florinha é o símbolo da humildade e da penitência, é pequena no tamanho mas grande no simbolismo. Já todos adivinharam o seu nome; chama-se Violeta.

Representa a penitência, porque está vestida de roxo e, de cabeça inclinada para a terra donde nasceu, está como que a bater no peito e a pedir perdão a Deus dos seus pecados; representa a humildade porque é muito pequenina no tamanho, mas grande, imensamente grande no aroma inebriante que exala á roda de si.

Percorri todas as flores dos jardins e não encontrei nenhuma que podesse comparar a essa outra «flor humana» — chamada Maria José Palha, só a violeta me respondeu: «Só comigo, só comigo é que ela era parecida, porque eu e ela fomos irmãs gêmeas».

Sim, meus caros leitores, a Maria José Palha, foi o símbolo da humildade, foi a humildade em pessoa. A sua alma era um jardim onde viçaram em flor as mais peregrinas virtudes cristãs — a pureza e a humildade.

Deu um exemplo edificante e nobilissimo ás meninas do seu tempo. Era toda de Jesus. Interroguem-na agora, sobre se não paga

bem a pena ser penitente, humilde e virtuosa. Que felicidade ela gosa no céu! Quando Jesus — o amado esposo da sua bela alminha, — mandou a morte ao seu encontro ela recebeu-a com um sorriso nos lábios e disse para os seus:

— «Espero-os a todos lá em cima; no céu teremos a felicidade inaudita de gosarmos a companhia uns dos outros por mais tempo... por toda a eternidade. A todos peço perdão; fui pequena na terra, mas serei exaltada nos esplendores da gloria celeste».

Que as meninas de Braga sigam o seu exemplo nobilitante e com ela aprendam a amar o Jesus. E para isso devem ter sempre presente esta máxima de Seneca: «Se as donzelas soubessem quanto a virtude realça a beleza, todas haviam de ser virtuosas para serem formosas».

Que nunca esqueçam nas suas orações, a sua saudosa companheira que ha bem pouco tempo levantou vôo da terra e foi poisar-se no peito de Jesus.

A. RAMISLEI



# Amigos

*Tenho ali, numa caixa, cem cartões  
d'amigos que me preso conhecer;  
conservo-os com cuidado e com prazer,  
São sempre, como as mais, recordações.*

*Mas não julgues, leitor, que eu, lá por ter  
um cento d'amizades, relações,  
me deixo embalar por ilusões  
ou conto co'os amigos p'ra vencer...*

*Amigos, na ventura, todos teem!  
Foge a ventura e chegam embaraços:  
que é dos amigos? Foram-se também...*

*Vivo de mim, caminho por meus passos,  
e nunca esperei nada de ninguém...  
Amigos? Só confio em dois: meus braços!*

COSTA BROCHADO





CAMINHA, a linda enamorada do Rio Minho, assistiu, no passado dia 2, á festa dos seus Bombeiros Voluntarios. Festa simples, festa intima mas dum grande significado, ela valeu pelo muito que encerrou de sincero e positivo, de

na sua passagem pela Vida muito fizeram em beneficio de todos. Foi ainda a homenagem a um homem que, sendo ainda vivo, dedica o melhor dos seus dias e o melhor da sua vida àquela Benemerita Associação. Que foi em su-

# EM CAMINHA

UMA FESTA SIMPÁTICA



CAMINHA — O Corpo activo dos Bombeiros Voluntarios de Caminha. Cliché expressamente tirado para a «Ilustração Catholica»

(Fot. Celestino Pires)

cativante singeleza. Que vale a grandiosidade, por vezes provocante e altiva?... A festa dos «Bombeiros» de Caminha, não foi altiva nem provocante. Foi a celebração modesta duma homenagem justa — uma homenagem àqueles que

ma, a festa!... Uma manifestação de saudade, um protesto de gratidão.

Uma Missa em sufrágio dos sócios falecidos, uma romagem ao cemiterio, uma sessão solene,... e, já não foi pouco. Falar em mais, ¿para quê?... Para que



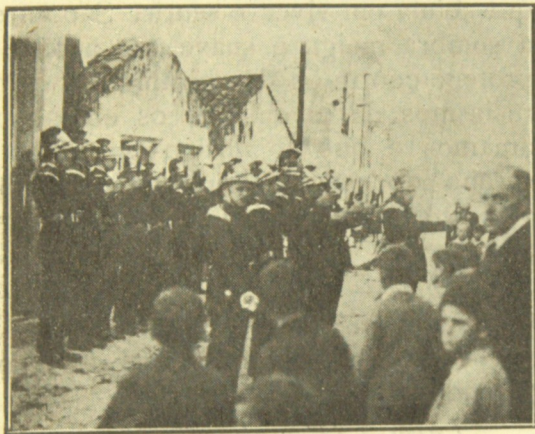
relatar discursos e música, pormenores noticiosos, que o uso tem corroído?..



*O Sr. Manuel Batista Pinto de Andrade. 1.º Comandante dos Bombeiros Voluntarios de Caminha*

(Fot. Celestino Pires)

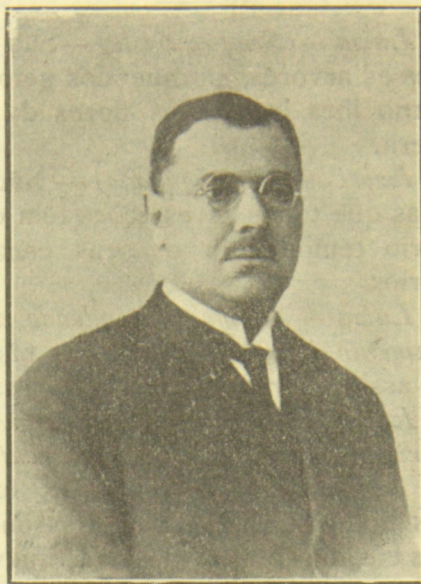
Há, porém uma coisa que devemos pormenorizar: — E' o nome dos homenageados. Dois desses nomes, cuja morte não conseguiu apagar da memória do bom pòvo caminhense, são os saudosos Bento Antonio Gonçalves e Joaquim Alfredo Gomes Ribeiro. O terceiro, o único vivo dos homenageados e cujo retrato, como o dos dois ante-



*Os Bombeiros Voluntarios na continencia à Bandeira, á vóz de apresentar machados*

(Fot. Celestino Pires)

riores, foi tambem descerrado, é o sr. Manuel Batista Pinto de Andrade, 1.º



*O Sr. Aristides Noronha Torres, presidente da Direcção dos Bombeiros Voluntarios de Caminha*

(Fot. Celestino Pires)

comandante da simpatica instituição.

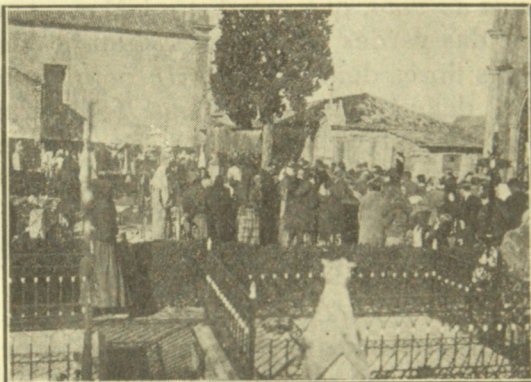
\* \* \*

Ao seu corpo activo, comandantes e instrutor, bem como ao ilustre presidente da Direcção, aqui deixamos exarados os nossos cumprimentos.

E, ao bom pòvo de Caminha, as nossas melhores felicitações.

Caminha, 6-XII-928.

RUY DE SANTILENA.



*Um aspecto da romagem dos Bombeiros Voluntarios, ao cemitério*

(Fot. Celestino Pires)



# No Outono da Vida

Diálogo íntimo

(Continuação)

*Luiza* — (*Sempre triste*) — São mais felizes as arvores, porque dos gelos do Inverno lhes brotam as flores da Primavera.

*Izabel* — (*Com bondade*) — Não esqueças que todas as estações têm o seu próprio tempo com os seus encantos próprios.

*Luiza* — (*Como respondendo a um pensamento íntimo*) — Oh! mas não sucede assim com a vida do coração...

*Izabel* — Ainda com respeito á *vida do coração* que é a *vida do sentimento*, — não devêmos esquecer que exigir flores em pleno Inverno ou sasonados frutos entre as fragrancias da Primavera, seria uma verdadeira fantasia que só podia depôr contra o nosso bom critério, sem conseguir provar que no Inverno a arvore seja esteril ou inutil. Se até mesmo os seus ramos sêcos, alimentando-nos o lume do fogão, vêm dar-nos em casa o calôr que nos conforta!

*Luiza* — (*Com intimativa*) — E como a arvore no Inverno, embora aparentemente *morta* ou *sêca*, tem em si a seiva que a vivifica, fazendo-a cobrir-se de fôlhas, desabrochar em flores e produzir saborosos frutos (*modificando a voz como quem faz uma confidencia*) assim o nosso coração, sem atender aos estragos exteriores da idade sente em si a seiva da vida, que é o Amôr! Mas... em vez das verdes folhas da esperança, das belas flores dum affecto correspondido e dos delicados frutos duma felicidade partilhada, cravam-se-lhes os agudos espinhos das desilusões; tortura-nos o espirito a mais dolorosa incerteza e... perturba-nos a razão a loucura do ciume!

*Izabel* — (*Compassiva*) — Pobre Luiza! Advinho-te os sofrimentos! Por isso deixa-me recordar-te que tudo se quer *no seu tempo proprio*. Lembra-te de que a arvore, em pleno Inverno, guarda bem no íntimo a seiva que a vi-

vifica, para que a neve, que tantas vezes a cobre nesse tempo, não destrua os rebentos extemporaneos que produziria. Não esqueças, Luiza, que não são os que *sentem* que só por esse motivo sofrem, mas os que *sentem fóra do tempo proprio* para esse sentimento...

*Luiza* — Dize antes que sofrem porque *sentem* e as suas aspirações se não realisam.

*Izabel* — Porque has-de concordar que muitas vezes, *sentindo fóra do tempo* — aspiram a utopias que tem mais de ridiculo que de sentimental.

*Luiza* — (*Com uma dolorosa revolta*) — Ah! Chamas utopias que nos cobrem de ridiculo porque não sabes talvez que entre as rugas que nos sulcam o rosto como o triste sepulcro das aspirações da juventude e sob as *brancas* que como em mortalha de neve parece envolverem-nos o sentimento, palpita ainda um coração que quer viver e sentir como sentir e viver queria quando apenas contava 18 anos!

*Izabel* — (*Carinhosa e grave*) — Enganas-te, Luiza — Para quem *sabe sentir*, as rugas não são, como dizes, o sepulcro das aspirações da juventude; são os traços venerandos da experiencia e muitas vezes de sofrimentos que definem a delicadeza do nosso sentir e a firmeza do nosso pensar. E não são as *brancas* que nos circundam a fronte numa aureola de respeito e de luz, a glacial mortalha que nos envolve um coração que teima em viver e sentir. São antes a sombra meiga e suave que acolhe e protege contra os desvairamentos e entusiasmos da juventude, os entes que amamos e que ao abrigo protector e sereno do nosso carinho e conselho vêm, instinctivamente, acolher-se e amparar-se.

*Luiza* — (*Muito surpreendida*) — Confundem-me as tuas palavras!

*Izabel* — Porque não queres comprehende-las.

*Luiza* — (*Pensativa*) — Bastava-me acredita-las...

(Continúa) MARIA DA CONCEIÇÃO FONTES



Os presbiteros que fizeram parte do curso do 3.º ano teologico no ano lectivo de 1900-1903 no Seminario de S. José, de Bragança, e que receberam a Sagrada Ordem de Presbitero em 22 de novembro de 1903 realisaram a festa das *Bodas de Prata* da sua ordenação sacerdotal no dia 22 de novembro proximo passado.

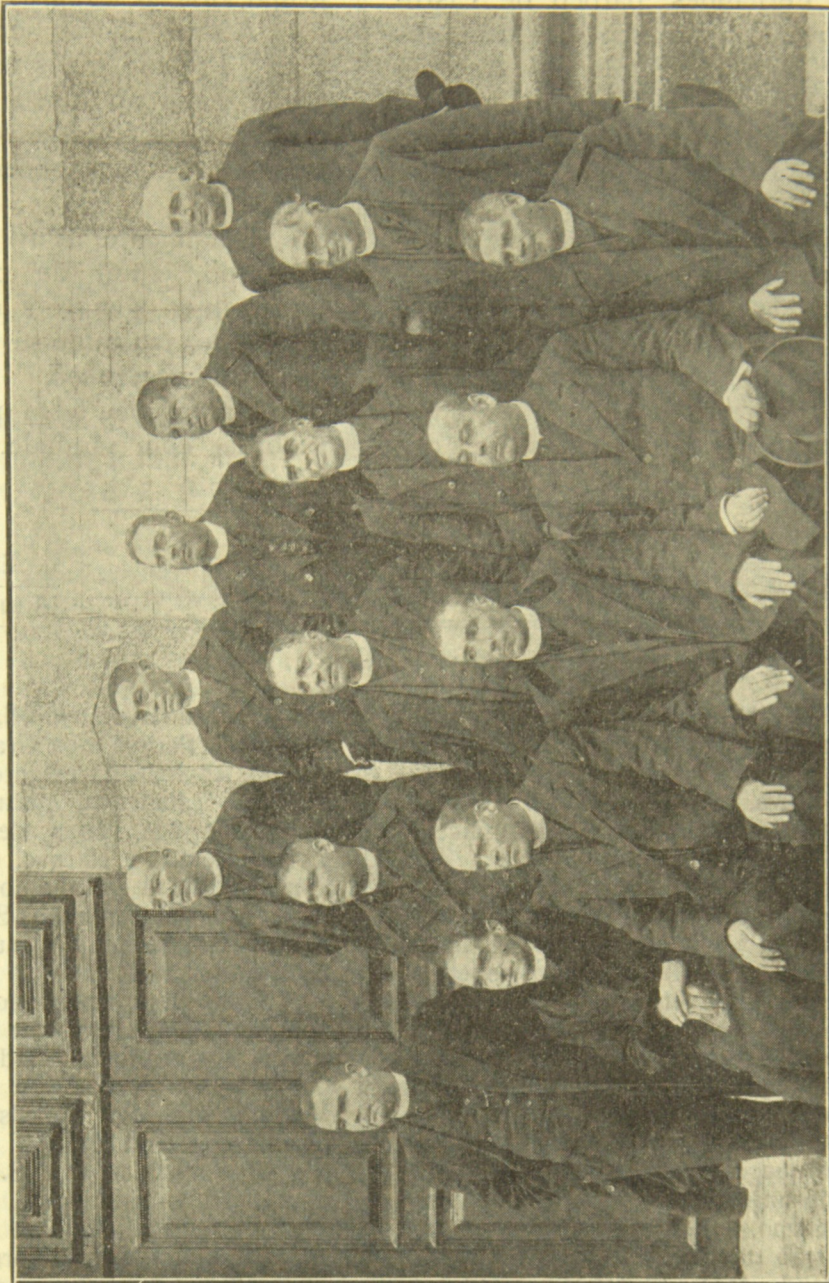
Compareceram 15 dos 18 que podiam comparecer, pois que, dos 26 que então se ordenaram, 4 são já falecidos e outros 4 estão ausentes no Brasil. Os 3 que faltaram, justificaram a sua ausencia com motivos de força maior.

Ainda a este curso do 3.º ano, o mais numero de que ha memoria neste Seminario, pertenciam mais 8 presbiteros que, tendo prometido a sua comparencia, não poderam assistir por motivos igualmente graves.

Eis os nomes dos 15 assistentes pela sua ordem na fotografia junta:

1.º plano, da esquerda para a di-

reita: — Rev.ºs Albano Falcão, escrivão do Juizo Apostolico do Bispado; Adriano Morais, arcipreste de Izêda; Fran-



Presbiteros reunidos em Bragança em 22 de Novembro ultimo para celebrar as Bodas de Prata sacerdotal da sua ordenação

(Fot. Celastino Pres)

cisco Manuel Afonso, pároco de Arredosa; Luiz Praça, arcipreste de Mirandela; João Salvador, pároco de Bagueixe.

2.º plano: — Francisco Afonso, pároco de Azinhoso; Manuel Antonio Fer-



nandes, pároco de Salsas; Francisco Guerra, pároco de Carvalhais; Antonio Joaquim Martins, pároco de Salselas; Candido Sanches, residente em Mirandela.

3.º plano: — José Antonio Fernandes, pároco de Serapicos; Manuel Antonio Fernandes, pároco de Cisropos; Agripaio Francisco da Costa, pároco de Marmélos; Manuel Antonio Lopes, pároco de Santalha e Lino Poças, pároco de Tronco, na diocese de Vila Real. Esta festa, que marca uma inevação nos anais diocesanos, decorreu no meio da maior fraternidade e entusiasmo em todos os seus numeros.

Logo de manhã, ás 7 horas, na Sé Catedral, ouve missas resadas por todos os assistentes e applicadas pelos Prelados, professores e condiscipulos já falecidos, e ainda pelas intenções dos

membros ainda vivos do curso. A's 9 horas, *Te-Deum* com exposição do Santissimo, *Tantum-Ergo* e benção.

A's 11 horas, passeio até ao Santuario da *Cabeça-Boa*, onde foi cantada uma missa em acção de graças. A seguir, almoço ao ar livre, fotografia do grupo, oração e regresso á cidade.

A's 15 horas cumprimentos ao Ex.<sup>mo</sup> Preiado e aos antigos professores e visita ao Museu Regional e ao Quartel de Infantaria 10, afim de cumprimentar alguns officiais, antigos condiscipulos.

Finalmente, ás 19 horas, no Hotel Moderno, jantar de confraternização, onde reinou sempre a mais franca cordialidade, trocando-se no fim os brindes mais affectuosos.

Enfim, uma festa que todos hão-de recordar com saudade.

ALFA

## Uma alma de luz

Elisabeth Leseur

A sua Vida intelectual

### II

TINHA Elisabeth Leseur o culto da intelligência; lia para pensar, como comia para viver.

E a leitura, para ela, então, era «o progresso da Lógica viva, o desenvolvimento do Verbo em si». (1)

Em primeiro logar, lia o Evangelho. O Evangelho era para o seu coração e para o seu espírito o «livro único, sempre lido e sempre novo, belo duma beleza soberana, resplandesciente de verdade...». (2)

E, «como compreender que o Evangelho não seja sempre, para todo o homem de coração e todo o homem que pensa, o primeiro dos livros?». (3)

A observação é do P. Gratry, um sabio convertido que, compreendendo a verdadeira visão do universo, pela sua compreensão do Catholicismo, soube afirmar também que «a meditação das palavras de Cristo deve ser a grande fonte filosofica, o alimento principal do desenvolvimento do Verbo em nós». (4)

(1) P. Gratry — *Les Sources*, pag. 45.

(2) E. Leseur — *Journal et pensées de chaque jour*, pag. 60.

(3) P. Gratry — *obra cit.*, pag. 46.

(4) *Ibidem*, pag. 47.

Depois do Evangelho, lia Elisabeth Leseur os Santos Padres e os Grandes Doutores da Igreja. Ao lado da estante de seu marido, onde se estadeava, perturbadoramente, a impiedade das ideias de Rénan Stranss, Loisy, Réville e Harnac, erguia E. Leseur, com orgulho e carinho, os tratados monumentais de S. Jerónimo, Santa Catarina de Sena, Santa Tereza de Jesus e Santo Tomás de Aquino.

Tinha uma veneração particularissima por Santa Tereza e Santa Catarina de Sêna.

A seguir lia os modernos apologistas da Religião, desde Mgr. Bougand e Luis Venillot, até Mgr. d'Hulst, P. Jauvier, P. Sertillanges e P. Gratry.

E' bom notar que E. Leseur tem uma admiração extraordinária por Gratry, que, segundo o testemunho do Dr. Feliz Leseur, exerceu sobre a sua formação intelectual uma influencia consideravel. (1)

Assim, por exemplo, a 29 de Março de 1902, E. L. escrevia no seu *Jornal*: «Estou lendo a *«Connaissance de Dieu»* do Padre Gratry; é sólido e belo». E continua num

(1) Vid. Nota de *La Vie Spirituelle* de E. L., pag. 431-432.



formosíssimo comentário de mulher erudita: «O verbo eterno *«que alumia todo o homem vindo a este mundo»* levantara para Platão uma ponta do veu que escondia a Luz Una. Ele bem compreendera o meio único pelo qual a alma chega ao conhecimento de Deus, e descreve maravilhosamente o ponto pelo qual o homem se prende a Deus. Este livro faz subir a grandes alturas; na verdade, êle atinge aquela *«raiz»* da alma de que fala Platão». (1)

A Filosofia, desde 1899, foi para ela um atractivo constante. A 20 de Setembro escreve:

«Comecei a estudar filosofia, e muito me interessa. Este estudo esclarece muita coisa e põe ordem no espirito. Não compreendo como se não faz dela o coroamento de toda a educação feminina. O que falta, muitas vezes, á mulher é um recto juizo, o hábito do raciocínio, o trabalho de espirito pessoal e persistente. Tudo isso lhe poderia dar a filosofia; despojá-la de tantos preconceitos e ideias acanhadas que transmite religiosamente a seus filhos, com grande detrimento para o paiz». (2)

Na verdade, as obras de filosofia, e filosofia tomista, abundavam na sua biblioteca. Aí encontramos trabalhos filosóficos de De Bonald, Gratry, Ollé-Laprune, Balmes e um estudo crítico de Jacques Maritain sôbre a *Filosofia Bergsoniana*, estudo em que andava embevida durante a sua doença ultima, por meados de abril de 1914.

O estudo do Latim interessava-a imenso, porque aí descortinava «um vasto horizonte de leituras e gosos intellectuais para o futuro». (3)

Assim falava ela, a 18 de Dezembro de 1901, pouco depois de passado um ano, em que notava no seu *Jornal*: «Ando a ler autores latinos: depois de Horacio, Juvenal, e hei-de continuar». (4)

E. Leseur, porém, ia mais longe ainda.

Sabia inglez, falava e escrevia correntemente o russo e começava a conhecer bem o italiano.

Não admira, pois, que, na sua biblioteca, encontremos diversas obras estrangeiras, como a *Divina Comédia* de Dante, as *Minhas Prisões* de Silvio Pélico, as *Recordações da Casa dos Mortos* de Dostoieoski, *Ana Karenina*, *Guerra e Paz*, *Mestre e Servo* e *Ressurreição*, de Tolstoi, as obras completas de Tourguénief, Gogol e Ponschkine,

(1) Elisabeth Leseur — *Journal*, pag. 84.

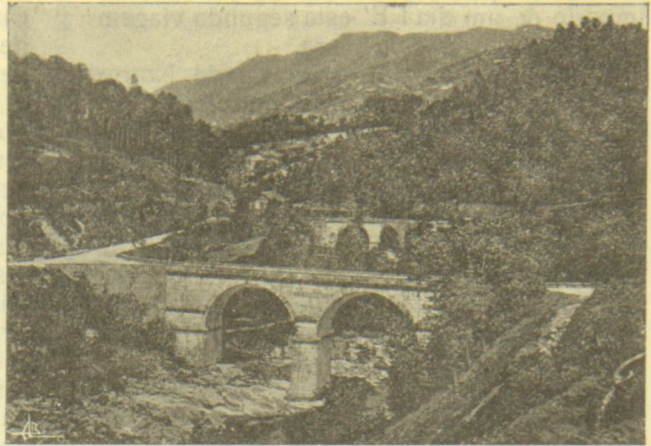
(2) *Ibidem*, pag. 54.

(3) *Ibidem*, pag. 80.

(4) *Ibidem*, pag. 66.

além de todas as obras de Gorki aparecidas até 1899.

Note-se, de passagem, que os livros citados de autores russos não podem ser lidos por toda a gente. São realistas em excesso e propalam ideias revolucionarias. Gorki, por exemplo compraz-se apenas em descrever a vida crapulosa, cheia de infames aventuras, dos vagabundos.



NO MINHO — A Ponte do Rio Caldo em Vilar da Veiga, proximo do Gerez

Elisabeth Leseur conhecia ainda admiravelmente a História Geral e religiosa, e, dum modo particular, o movimento religioso da Alemanha, desde os fenómenos trágicos de revolta provocados pelo egocentrismo estúpido de Lutero até ás perturbações sangrentas que o ódio de Bismark suscitara contra a Igreja.

Andava a par de tôdas as tendências politicas da sua época e applicava-se a examinar os mais graves problemas de economia e organização social.

Era bem *uma alma de luz*, como lhe chamou Pierre l'Ermite.

JORGE : DO : SANTO : GRAAL

\*\*\*\*\*

**Candidato.** — Chamavam-se candidatos, *Candidati*, os romanos que requeriam cargos da republica, durante os dois anos que durava o concurso. Apresentavam-se nas assembleias populares com uma vestidura branca, sem tunica por baixo, afim de que se lhes vissem as feridas ganhas no serviço da Patria, e de grangearem por este modo a protecção do povo. Estas vestiduras eram dum tecido branco, preparado com giz, que as tornava mais luzidias: daqui vinha aos pretendentes o nome de: candidatos. (*Candida veste induti*).



MAS se na primeira, foi para sofrer o desprezo orgulhoso de Bonaparte, nesta, foi para subir ao calvario duma dolorosa provação, arrastado pelos pretorianos do vencedor coroado pelas mãos da fortuna, desvairado pelas vitórias duma hora e pelo imperio de um dia! E' esta segunda viagem que neste ano se comemora.

Posteriormente á cerimonia de Notre-Dame, novos conflictos se haviam levantado entre a côrte imperial e a Santa Sé. Pretextos sobejavam á astucia napoleonica. Vinha por ordem cronologica, a recusa do Papa a dissolver a união de Jeronimo Bonaparte com a americana Paterson, filha de um rico negociante de Baltimore. Ao Imperador não convinha este casamento; desde as suas primeiras conquistas, formara intento de distribuir pelos parentes e marechaes os trônos vagos pela força da sua espada. Este o facto histórico iniludível, contra o qual não pode valer a justificação alegada por Artur Levy de que os Paterson alimentavam uma grande ambição com este casamento, á qual chama *aventura conjugal*, e de que, recusando-se a valida-la, Napoleão queria manter o respeito pelas leis publicas, que impunham ao menor estreitas obrigações para com o chefe de familia. Demais, era de prevêr que o Papa negasse a dissolução matrimonial, visto como tal recusa era já tradição no Pontificado. «Os papas, diz um historiador, tinham defendido a sinceridade do casamento contra os reis do passado; porque haviam de proceder de forma diversa a respeito desses *parvenus*, que, uma vez principes, queriam trocar por nobres princezas as suas mulheres plebeias?»

Napoleão irritou-se. «Que tal é a insolencia destes padres! — exclamou. Reservam para si a partilha da auctoridade, a acção sobre a intelligencia, sobre a parte mais nobre do homem, e pretendem reduzir-me a não agir senão sobre o corpo: para eles a alma, para mim o cadaver!». E tempos depois ordenava ao consul da França que declarasse ao Papa, — explicando a não aceitação dum cirio na festa da Candelaria, e que impuzera a seu irmão José ao tempo rei de Espanha — «que não era nem a surpresa nem o poder que davam valor a essas coisas, que podia haver pontifices e padres no inferno, e que um cirio benzido por um abade era coisa tão santa como o que o fosse por um papa».

Miseravel ultrage duma filosofia de club! — diz com razão Chateaubriand.

Em seguida a este incidente enfileirava-se a sua incomensuravel sêde de poderio.

A destruição dos principados ecclesiasticos na Alemanha, e as novas exigencias do Imperador que desejava que um terço dos cardeais fosse francez, que Pio VII abdicasse abrindo as portas do Quirinal ao cardeal Fesch, seu tio, causaram um fundo desgosto na Santa Sé que intransigentemente resistiu a semelhantes imposições. E Napoleão nada alcançando pela ameaça, recorreu á intervenção armada. Em 1805 fez ocupar Ancona e Civittá-Vecchia e destas posições intima o Pontifice a entrar no bloqueio continental contra a Inglaterra; este respondeu que sendo pai de todos os fiéis, não podia declarar-se inimigo de nenhum. Então Bonaparte, a pretexto de reunir os reinos de Italia e de Napoles, a 2 de fevereiro de 1808 manda ao general Miollis que entre em Roma com o seu exercito e a 17 de maio do ano seguinte declara anexados ao império francez os Estados pontificios. Desde este dia até ao da prisão de Pio VII, Roma viveu sob o poder duma inquietação fatigante.

Os canhões do castelo de Sant'Angelo annunciaram a cessação do poder temporal. O cardeal Pacca corre para junto do Santo Padre e lê-lhe o decreto. *Consumatum est!*

— Que farieis vós? perguntou Pio VII.

— Erguei os olhos ao céu e dai as vossas ordens: o que sair da vossa bôca será desígnio do céu, retorquiu o cardeal.

Sósinhos, aqueles dois velhos luctavam contra a tirania que esmagava o mundo e plantava os seus trofeus sobre ruinas.

O Papa redigiu um protesto e depois assinou a bula de excomunhão contra «os auctores, fautores e executores das injustiças exercidas sobre a Santa Sé». Megacci afixou-a á porta das tres basilicas de S. Pedro, de Santa Maria Maior e de S. João de Latrão. Os exemplares foram arrancados pelos agentes francezes; Miollis enviou a bula ao Imperador.

— Ela não fará cair as armas das mãos dos meus soldados! exclamou Bonaparte, e ordenou a execução imediata do seu decreto, que foi confiado a Murat. Este enviou setecentos soldados a Miollis e incumbiu o general Radet, comandante da gendarmeria, de raptar o Papa e o seu cardeal ministro Pacca. Era na noite de 5 para 6 de julho. Todas as precauções militares foram tomadas e á uma hora depois da meia noite, as tropas reunidas em silencio dirigiram-se para o Quirinal. Forçadas a machado as



janelas e aberta a porta do palacio pelo general Siry que se introduzira lá dentro para esse fim, Radet, transpostas as guardas que não resistiram, invade a sala onde se encontrava o Pontifice.

— Porque me vindes perturbar a tal hora na minha morada e no meu repouso? — perguntou Pio VII, sereno e calmo, voltando-se na cadeira.

Radet palido e desconcertado, declara que o Papa tem de renunciar á soberania temporal e que, se S. Santidade se recusa a obedecer, ele tem ordem de o conduzir ao general Miollis. E o Papa respondeu:

— Nós não podemos! Nós não devemos! Nós não queremos!...

Horas depois Pio VII subia com o cardeal Pacca para a berlinda. O general fechou á chave as portinholas e ia a correr as persianas quando o Soberano Pontifice ainda lhe declarou:

— «O poder temporal pertence á Igreja romana; e Nós somos apenas o seu administrador. O Imperador poderá quebrar — Nós não lhe cederemos. Depois de tudo o que por ele fizemos, não esperavamos estes maus tractos. Napoleão deve-me muito... — Eu bem o sei, Santo Padre! disse o general hesitando — Mais ainda do que sabeis...», voltou o Papa. E a carruagem partiu á desfilada, cortinas descidas, pela Porta Pia, contornou as muralhas da cidade orfã até á Porta do Povo onde a vetusta via Flaminiana e a Ponte Mole a briram ao augusto e infortunado prisioneiro o caminho agreste do exilio.

Quando um dia Luiz XIV quiz citar á sua presença dois bispos que lhe resistiam ás pretensões, a aguia de Meaux avisou o rei:

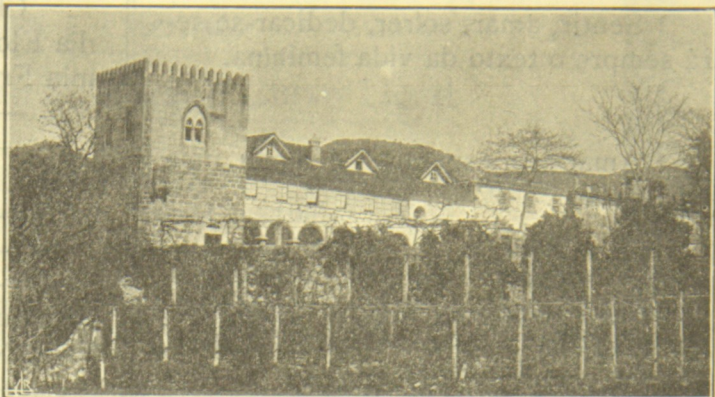
*Que le ciel vous en garde, Sire! Craignez qu'on ne voie la route qu'ils auront à traverser couverte d'un peuple immense agenouillé pour implorer leur benediction...*

Eis o que aconteceu a Pio VII que teve por consolação as homenagens dos povos que lhe vinham sair ao caminho, como em Monterossi, Radicofani, Senna e Florença. Daqui partiu por Alexandria, para Genova, onde uma ordem subita e desapiedada separou o Pontifice do seu secretario, e obrigou este a tomar o caminho da fortaleza de Fenestrelle, seu novo carcere; e depois pela estrada de Mondovi, atingiu a primeira cidade franceza, Grenoble, onde os herois de Saragoça, ali prisioneiros, lhe fizeram uma tocante manifestação de fiel amor, passando em seguida Valence, Aix, Brignole, Fréjus,

Nice, Mondovi, Millésimo, para descer por fim em Savona, apoz quarenta e sete dias e quarenta e seis noites de viagem mortal!

Tres anos ali passou tormentos o Santo Padre, tres anos de vãs disputas, de inuteis crueldades foram dispendidos pelo genial constructor do imperio!

Não obstante a prisão do Papa, que se dispoz á resistencia passiva, e o servilismo degradante de muitos prelados, Napoleão viu frustrados todos os seus intentos em



ARCOS DE VAL DE VEZ — Torre de Tóra em S. Pedro do Vale

materia religiosa. Na questão do seu divorcio apenas conseguiu o assentimento de 15 cardiais na assembleia reunida em Paris para esse fim. Nas discussões relativas á instituição canonica dos bispos por ele nomeados, a decepção ainda foi maior. Toda a sua obra cimentada em ameaças caiu por terra, mal a auréola das suas glorias começou de empanar-se! O concilio de 1811, em que Emery se revelou o primeiro padre da Igreja franceza, começa por um juramento de fidelidade ao Papa e só depois de torturar Pio VII com a prisão de tres prelados, e a submissão de outros pelo terror ou por promessas, é que Napoleão conseguiu extorquir do prisioneiro de Savona o decreto, assinado em seu proprio nome, que conferia a instituição canonica exigida. Isto, porém, não bastava. Ele queria a abdicção do poder temporal. Pio VII repudiou as insidiosas propostas: «Deixai-me morrer digno dos males que sofri!» Bonaparte irrita-se, maltrata-o, e ordena ao prefeito de Nice a incomunicabilidade do Pontifice (14 de janeiro de 1811) com todas as igrejas do imperio e com os subditos do Imperador.

(Continua)

FRANCISCO VELOZO



# ANECDOTAS

## PENSAMENTOS DE BALZAC

O instinto da mulher equivale á perspicacia dos grandes homens.

\*

Sentir, amar, sofrer, dedicar-se será sempre o texto da vida feminina.

\*

Amar sem esperança é ainda uma felicidade.

\*

A natureza concede alternativamente á mulher uma força particular, que a auxilia a sofrer, e uma fraqueza, que lhe aconselha a resignação.

\*

O amor atráe o amor; é o «abyssus» abissum da Biblia.

\*

Só os homens superiores sabem amar.

\*

A amizade de uma mulher é muito mais apreciavel do que o seu amor.

\*

Póde-se tudo esperar e tudo supôr de uma mulher que ama.

\*

O sorriso é o apanagio, a linguagem, a expressão da maternidade.

\*

Em 1847, n'uma sessão da Academia Franceza, era eleito Empis, e, dois mezes depois, Ampère.

Durante a ultima sessão, e após o escrutinio, Lamartine enviou por um criado, a Victor Hugo, estes dois versos:

*C'est un état peu prospère,  
D'aller d'Empis en Ampère!*

Victor Hugo escreveu em baixo,

# HISTORICAS

devolvendo o papel ao seu illustre colega:

*Toutefois, ce serait pis  
D'aller d'Ampère en Empis!*

\*

Charles Nodier, encontrando um dia Flourens, seu confrade da Academia Franceza, disse:

— Como sabe, Balzac apresenta-se.

— Não creio; ele não fez ainda as visitas...

— Sim, já me pediu o voto.

— E' curioso! Eu não o vi...

— E' que talvez não creia que o meu colega pertence á Academia, insinuou Nodier.

\*

O coração de uma mãe é um abysmo no fundo do qual se acha sempre um perdão.



## Livros recebidos

### Colecção Veritas

Recebemos mais um volume da *Colecção Veritas*.

E' o 2.º dessa cruzada de rejuvenescimento moral e leterário que Nuno Montemor tam auspiciosamente iniciou com o *Avô* e a *União Gráfica* de Lisboa, sem intuitos mercantilistas, mas unicamente com a louvável e patriótica intenção de abrir novos horizontes à literatura portugêsa, apoiou editando as obras dos novos da corrente neo-cristã que revelassem verdadeiros merecimentos.

O livrinho de que se trata encerra uma formosa novela subordinada ao título *Um Sorriso de Santo António* firmada pelo destinto escritor e publicista Hipólito Raposo.

Por hoje registamos o aparecimento desta nova edição da *União Gráfica* mas a ela nos voltaremos a referir oportunamente.

Centro Regional de Braga  
Biblioteca  
Geral

CCP



# COLEGIO DUBLIM

— Largo do Carmo -- BRAGA —

Para meninas internas

Semi-internas e externato

Instrução Primária e Curso Liceal

*Plano, canto, desenho, pintura e flôres. Todos os trabalhos de agulha e arte aplicada. Pensão mensal para as internas 240\$00. Idade para admissão dos 7 aos 14 anos*

Paramentaria, Sirgaria e Artigos Militares

DE

**FRANCISCO PEREIRA VILELA**

Antiga Casa  
Ribeiro de Castro & Vilela

99, Rua do Souto, 101 — BRAGA — Telefone n.º 59

## Secção de Igreja

*Neste estabelecimento ha sempre feitos paramentos de todas as cores e mais alfaias pertencentes ao culto ; fazem-se bandeiras de todas as qualidades a ouro, seda ou pintura, mantos, frontais, palios, etc.*

## Secção Militar

*Bonets de todas as qualidades, panos, galões, emblemas e botões para fardamentos militares e todas as corporações civis, musicas, etc.*

FALAR NA



FOTO-CHIC

É DISCUTIR A MELHOR FOTOGRAFIA

Rua Canção Reis, 87

BRAGA



# NOVIDADES LITERARIAS

PREÇO 20\$00

*Brevemente à venda*

Mgr. BAUNARD

## O Apóstolo S. João

1 vol. 20,5 × 15,5, pp. 399.

«E' um livro de piedade, e eu o recomendo aos cristãos; aos sacerdotes: o sacerdócio não tem mais alta personificação que a de S. João; às virgens: João era virgem; às mães: êle mereceu ser dado por filho à Mãe de Deus; aos jovens: êle era o mais novo dos apóstolos; aos velhos: é o nome que êle dá a si próprio em suas epístolas. Ofereço-o às almas que sofrem: êle estava ao pé da Cruz; às almas contemplativas: êle esteve no Tabôr; a tôdas as almas que querem dedicar-se a seus irmãos e amá-los em Deus: a caridade não pode ter ideal mais puro que o amigo de Jesus». — (*Prefácio*).

## Une Ame Réparatrice

Dona Eugénia da Câmara

Oblata beneditina

1 vol. 185 × 119 pp. 99.

PREÇO 6\$00

E' a vida duma Senhora de nobre sangue portugês.

### *Jovem, esposa, viuva,*

Oblata de S. Bento, mas vivendo no mundo, alma imolada pela Pátria, que  
: : : : : belo exemplo para as Senhoras portuguesas : : : : :

### DESCONTO ÀS LIVRARIAS

O Autor do livro é um beneditino — DOM CRÉNIER. O estilo, sobre, claro, com um acento duma sinceridade comovedora.

«PAX»

LIVRARIA LITURGICA

BRAGA

## LIMA, FILHÃO & C.ª L.ª DA

*Grandes Armazens da Caixa de Credito Bracarense*

Rua 5 de outubro, 48 a 56 — Telefone 31 (1.º andar)

BRAGA

Operações de Crédito — Compra e venda de todos os artigos — Ourivesaria e Relojoaria. Deposito de Máquinas de costura. Fazendas de lã e algodão, fato feito etc. Especialidade em CAPAS ALENTEJANAS